



PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA: POSSIBILIDADE DE UMA GEOGRAFIA GLOBAL

Paula Savegnago Rossato

Linha temática – Propostas de formação para o desenvolvimento da inteligência humana integral nos ambientes sociais: espaços educativos, de trabalho e sociais. Como formar pessoas para serem a si mesmas em um contexto tecnológico?

Resumo: A geografia acadêmica e também a geografia escolar se apresentam divididas em Geografia Física e Geografia Humana. Essa situação tem ocasionado uma compreensão da realidade também fragmentada: os estudantes não estão, em sua maioria, construindo aprendizagens que fazem relação dos elementos da natureza com os da sociedade e ainda considerando o homem algo à parte da natureza. Desse modo a presente pesquisa busca uma possível solução para essa problemática nos conceitos e no fazer pedagógico da ciência ontopsicológica aplicado a geografia. A ciência Ontopsicológica apresenta uma compreensão diferente sobre o homem e a natureza, pois considera o homem como ente feito do e no Planeta Terra e a natureza a forma como o mesmo faz suas escolhas se são coerentes a sua original identidade desse modo sua relação com o ambiente será positiva, tendo esse ente um conhecimento profundo de si mesmo. No fazer da pedagogia ontopsicológica, encontramos uma possibilidade de, a partir do que diz essa ciência sobre o autoconhecimento, desenvolver atividades que podem levar à construção de aprendizagens de si mesmos e também de superação da dicotomia geográfica.

Palavras-chave: Ontopsicologia. Geografia. Pedagogia Ontopsicológica. Homem. Natureza.

1. INTRODUÇÃO

A geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico, de maneira geral a aprendizagem geográfica se dá no sentido de proporcionar uma compreensão das dinâmicas e elementos que constituem esse espaço, configurando a relação homem natureza. Ao longo da história da ciência geográfica houve vários entendimentos de como acontece essa relação, ora esse entendimento afirma que o homem domina a natureza, ora a natureza é quem domina o homem.

Na sala de aula da educação básica, quando se estuda a referida disciplina, considera-se que o bloco de conteúdos que estão relacionados ao homem fazem parte da geografia humana e a geografia física compreende outro bloco de conteúdos que se dedicam aos estudos de aspectos como rios, vegetação, relevo e clima. O homem acaba sendo afastado da natureza na abordagem dos conteúdos de geografia, pois os aspectos físicos (naturais) são estudados na maioria das vezes de forma isolada das atividades humanas. Essa forma de abordagem induz a uma compreensão do espaço geográfico sem a presença humana na natureza e uma sociedade sem o natural, logo, com muita frequência entre os estudantes da educação básica, essa compreensão leva ao entendimento de que o homem destrói a natureza com a grande maioria de suas obras, e que o mesmo por isso, não faz parte dela.

Diante dessa realidade, pretende-se com essa pesquisa verificar se o fazer pedagógico da Ciência Ontopsicológica, que apresenta como escopo prático educar o sujeito a fazer a saber a si mesmo, poderá ser uma forma de tornar a aprendizagem geográfica um esclarecedor de que a relação do homem com a natureza deve ser de total pertencimento de ambos sem haver predominância de um sobre o outro. Sendo assim, mesmo compreendendo que existem os elementos físicos e sociais, é preciso entender que ambos constituem o que chamamos de natureza.

Existe a necessidade de mudar o modo como se compreende o homem e suas ações dentro do contexto escolar e percebe-se que a ciência ontopsicológica pode contribuir para que essa mudança aconteça com base em seus conceitos e no seu fazer pedagógico

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo construções teóricas de Humboldt (1769 - 1859), Ritter (1779 - 1859) e Ratzel (1844 - 1904), todos alemães, têm-se os primeiros estudos da ciência geográfica mostrando a dominação da natureza sobre o homem que mais tarde passa a se chamar de “Determinismo.” Com os estudos do Francês La Blache (1845 - 1918) a ciência geográfica passa a entender a relação do homem com a natureza segundo a possibilidade de interferência humana no meio natural para alcançar o desenvolvimento, fundando assim o “Possibilismo.”(Pereira, 2012)

A escola francesa apresentou forte influência na constituição da ciência geográfica inicialmente produzida no Brasil, conhecida como Geografia Tradicional que usa uma metodologia quantitativa para fazer seus estudos e que, por isso, depois de um tempo, foi criticada, já que a mesma não dava conta da realidade complexa e globalizada do mundo pós-guerra. Assim surgem com Lacoste na França e Milton Santos no Brasil a Geografia Crítica, com o intuito de renovar a geografia trazendo para os estudos dessa ciência a abordagem dialética para explicar a relação homem natureza, era preciso novos paradigmas para a ciência geográfica que a partir de então abre infinitas possibilidades de análise.

O pensamento consciente e crítico é possível quando se tem as informações o mais completas possíveis e se tratando do espaço geográfico é necessário conhecer o maior número de elementos que nele interferem e o constituem, incluindo assim tanto conhecimentos ditos naturais quanto os humanos.

Embora haja dificuldades, parece necessário manter o princípio da geografia global, ao mesmo tempo física e humana, encarregada de dar conta da complexidade das interações na superfície do globo entre os fenômenos que dependem das ciências da matéria, da vida e da sociedade (Lacoste *apud* Silva, 2007. p.44).

Lacoste faz uso do termo Geografia Global para chamar atenção para a importância de trabalhar conjuntamente os aspectos físicos e humanos, pois é dessa maneira que a vida se dá na superfície terrestre, tudo ao mesmo tempo, se move em uma dinâmica constituição do espaço geográfico

Por mais que o desenvolvimento interno das sociedades humanas aumente a distância entre sociedade e a natureza, distância esta jamais atingida na História do homem como na fase atual do capitalismo, o qual tende, mundialmente, a levar a uma apropriação privada da natureza. Não há dúvida sobre isso. Por mais que a vida em sociedade tenha transformado a própria vida biológica do homem, esse continua um ser vivo sob a ação das condições ambientais existentes na “superfície” do planeta Terra, às quais ele não se submete simplesmente, mas reage ativa e reflexivamente (Seabra *apud* Silva, 2007 p.46).

Mesmo considerando os diferentes espaços que estão postos na superfície terrestre e que em inúmeros deles parece que as transformações chegaram a tal ponto de que estamos diante de um mundo totalmente sem vida em sua forma original, devemos lembrar que o ser humano está presente nesses ambientes e que ele ainda permanece como obra da grande natureza, reforçando assim a importância de sempre considerar a natureza e a sociedade em todos os espaços.

A geografia é a única entre as ciências humanas a ter em conta os aspectos físicos do planeta (quadro natural). Daí a grande problemática epistemológica e metodológica dessa ciência. Analisar os processos que se desenvolvem na natureza e na sociedade individual e conjuntamente é tarefa árdua e exige grande competência, neste sentido não é de se estranhar que boa parte dos geógrafos caia na produção de trabalhos especializados, aprofundando a setorização do conhecimento geográfico. A alternativa - a produção de

uma geografia global, envolvendo tanto as análises do meio natural, quanto da sociedade em suas mútuas relações de causa e efeitos - não significa desenvolver uma ciência de cunho meramente enciclopédico ou descritivo, mas, sobretudo caminhar no sentido da fidelidade ao objetivo principal desta ciência: o estudo da relação entre o homem e seu meio, entre sociedade e natureza (Silva, 2007, p. 46).

A ciência geográfica e, por consequência, a geografia escolar tem uma responsabilidade e também a grande oportunidade de poder fazer compreensões e esclarecimentos que são os mais completos possíveis, quando leva em consideração para qualquer evento a ser estudado os elementos ditos naturais e sociais, lembrando que a sociedade é humana e que humanos também são naturais. Dessa forma não haveria necessidade de existir essa distinção e por consequência essa dicotomia na geografia da geografia humana e da geografia física.

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo (Callai, 2005, p.231).

Diante desse contexto e dessa necessidade que a geografia escolar apresenta é que se pensou em buscar na Ciência Ontopsicológica, no seu fazer pedagógico, um método que contribua para a efetivação de uma Geografia Global e não mais somente Humana ou somente Física, pelo menos na abordagem que se dá na sala de aula da educação básica.

No ano de 2017, foi homologado no Brasil um documento que estabelece um currículo mínimo a ser desenvolvido pelas escolas de ensino fundamental, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse documento serve para que as instituições educacionais possam uniformizar os seus conteúdos mínimos em todo o território nacional.

No Ensino fundamental II fazem parte da Área das Ciências Humanas os componentes curriculares de Geografia e de História. Cabe à Geografia dar conta do entendimento do Espaço Geográfico, principalmente no que se refere às relações que acontecem nele, tendo o sujeito como principal ator desse espaço.

a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2017 p. 357).

A geografia escolar pensada e proposta pela BNCC visa a formação do estudante para que entenda as relações dinâmicas entre sociedade e natureza, podendo interferir de maneira responsável para que ambos possam continuar sobrevivendo através de uma relação simbiótica. Considerando que essas aprendizagens devem contribuir para formação e conhecimento que cada indivíduo tem de si, fica ainda mais evidente a importância de entender o homem com pertencente à natureza e não separado dela. Depois de ter auxiliado inicialmente na construção da identidade do estudante a aprendizagem geográfica, segundo a BNCC, evolui para a inserção desse estudante em espaços maiores e relações ainda mais complexas, compreendidas em escalas de abrangência estadual, nacional, continental, mundial e planetária.

Nos anos finais se busca expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos considerando temas políticos, econômicos e culturais do Brasil e do mundo. Dessa forma, o estudo da geografia constitui-se em uma busca do lugar de cada indivíduo no mundo, valorizando a sua individualidade e, ao mesmo tempo, situando-o em uma categoria mais ampla de sujeito social a de cidadão ativo, democrático e solidário. Enfim, cidadãos produtos de sociedades localizadas em determinado tempo e espaço, mas também produtores dessas mesmas sociedades, com sua cultura e suas normas (Brasil, 2017, p.362).

Conforme os alunos vão avançando nos anos escolares, nos conteúdos de Geografia aumenta o espaço de estudo e, dessa forma, se enfatiza cada vez mais a separação do homem da natureza pois na tentativa muitas vezes errôneas de compreender os espaços ditos mundiais se detém a estudos que consideram apenas os aspectos da sociedade, esquecendo que aquela sociedade se faz daquele modo por estar inserida e ser pertencente à natureza presente naqueles espaços. Cabe sempre ao profissional que conduz as aprendizagens compreender e fazer os alunos compreenderem o complexo contexto que envolve cada tema estudado e o ponto de partida sempre será saber quem sou e onde estou inserido.

Realizando algumas leituras da vasta bibliografia da ciência Ontopsicológica, encontramos passagens importantes que fazem referência a essa relação do homem e o ambiente e com um discurso integrador que está ausente inúmeras vezes nas aulas de geografia. Na leitura do livro Projeto Terra, é possível retratar a relação do homem com o planeta como um todo e dessa forma o ambiente passa a ser não somente o espaço mais próximo mas todo o Planeta, o autor traz como ponto de partida para compreender e também como deve ser essa relação, a maneira como o próprio indivíduo se posiciona e interage, destacamos assim, os verbos (homologar-se e ambientar-se) utilizados na citação a seguir que referem-se a um comportamento individual para com o ambiente. “para inserir-se na relação Homem-Terra, o ser humano deve deixar de ser extraterrestre, no sentido de uma vida imprópria no homologar-se e ambientar-se nesta enfática, agradável realidade que é o planeta Terra. (Meneghetti, p.9, 2017)

Ainda nesse mesmo livro, no capítulo que trata sobre a Ontopsicologia e a Ecobiologia, o autor esclarece que primeiramente é necessário compreender o homem, no sentido de compreender a si próprio. “Quando um indivíduo se torna transparente - ou seja, sabe o que ele mesmo é e como estão as coisas, portanto conhece a lógica da vida- então ele vive e experimenta o paraíso”. (Meneghetti, p.38, 2017)

Uma vez entendido o homem, é necessário compreender o ventre que porta esse homem. Nós estamos sempre dentro desse útero de uma natureza. Compreender essa inteligência materna da Terra significa tornar-se sempre mais adulto e, portanto, organizadores que ajudam o projeto da criação. Portanto, trata-se de saber administrar e regular com inteligência os diversos dons da natureza, usando-a sem “violentá-la” além da necessidade (Meneghetti, p.39-40, 2017).

Compreende-se que para entender a relação homem ambiente é necessário compreender inicialmente o homem para depois compreender o ambiente e desse modo a compreensão da relação se dará por evidência, pois o modo como essa relação acontecerá resultará em crescimento do humano e do ambiente.

Considerando apenas esses pontos, até aqui elencados, segundo Meneghetti e a ciência ontopsicológica, já é possível entender como deve acontecer o discurso da relação homem ambiente em sala de aula para que os conteúdos geográficos possam construir um conhecimento que faça os alunos perceberem-se como seres naturais, pertencentes e responsáveis pelo Planeta Terra.

Partindo do conceito de Pedagogia, Meneghetti (2014, p.14) (...) “é a arte de como coadjuvar ou evolver uma criança à realização”. E considerando também o escopo prático da Pedagogia

Ontopsicológica, que para Meneghetti (2014, p.14), é “educar o sujeito a fazer e a saber si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar o eu lógico histórico com capacidades e condutas vencedoras.” Podemos questionar, diante dessas premissas: o que deve se realizar quando se pensa a educação escolar? É necessário esclarecer também como deve ser o agir enquanto docente para que a relação com o estudante contemple o conceito de Pedagogia aqui exposto, e para que os estudantes alcancem com sucesso o escopo da Pedagogia Ontopsicológica.

Pensando que o professor é o adulto e que, portanto, é o responsável por orientar os encontros que objetivam a aprendizagem do estudante, ele deve adotar uma postura que permita o estudante realizar atividades que os conduzam ao autoconhecimento e à realização. Assim, surge o questionamento, como se faz essas atividades? Qual postura deve ser adotada por esse professor?

Meneghetti (2014 p.20) esclarece como deve ser tratada uma criança para que ela possa cultivar o seu projeto de natureza a fim de se conhecer e se realizar. “Toda forma de ensinamento, de pedagogia, deveria consentir a autóctise histórica à encarnação do espírito, por meio da qual cada criança acontece neste mundo, sem jamais alterar a necessidade do seu interior, é já sumo e irrepetível.”

Os ensinamentos devem aprimorar a obra que cada criança já apresenta, oferecer subsídios para que cada criança possa alimentar as necessidades de seu interior tornando-se cada vez mais autônoma e protagonista do seu próprio projeto, tornar-se um ser humano útil e funcional a si mesmo e também à sociedade em que está inserido.

Desse modo, o professor dentro do ambiente escolar precisa atender as demandas já estabelecidas pelas próprias normas de funcionamento, dentre elas cada escola tem seu próprio projeto político pedagógico, como também seu currículo, no qual estão dispostos quais conceitos cada área do conhecimento precisa desenvolver para atender ao que é estabelecido pelas leis e normas de cada Estado dentro do ambiente educacional. Mesmo tendo essas situações como já postas e muitas vezes impostas é o professor que direciona a forma de abordagem dos conceitos a serem desenvolvidos e habilidades a serem alcançadas, e assim tomarem posse das definições conceituais a ponto de usá-las para resolver suas demandas diárias, que por sua vez vem a ser o desenvolvimento de competências, o qual se fundamenta a própria BNCC.

Assim, cada professor possui alguns pontos fixos que não podem ser trocados, que são os conteúdos curriculares, mas podem ser usados como instrumento ao desenvolvimento do estudante e não como limitação, parte-se do que a lei estabelece para se chegar onde a identidade de cada criança levá-la. Assim, Meneghetti (2014 p.20) diz que:

A educação não deve ser proposta com um diktat, mas como vantagem, a fim de que a criança seja vencedora neste jogo, no sincronismo améxico das múltiplas individuações. Educando-a, não devemos impor-lhe a parte, porque desse modo mata-se o inteiro. A pior ruína que impomos as nossas crianças é ensinar-lhes cada coisa como única e absoluta, como o constante subentendido: ou assim ou mato você!

Ter um ponto de partida, orientar, instigar, conduzir, incentivar, estimular são as ações de um professor em acordo com o conceito de Pedagogia e que objetiva alcançar o escopo prático da Pedagogia Ontopsicológica, jamais deve impor ensinamentos ao vazio ou não permitir que o estudante estabeleça com o objeto de estudo uma relação e construa a sua aprendizagem a partir de suas significações, permitindo assim inúmeras formas de apropriar-se de tal aprendizagem. “É necessário que o adulto proponha à criança a educação como regra de vantagem, como instrumento válido de autóctise histórica, ou seja, como possibilidade de autopôr-se e metabolizar progressivamente o jogo histórico do devir pessoa, aqui e agora.” (Meneghetti, 2014, p.21)

3. METODOLOGIA

A pesquisa apresenta-se como pesquisa qualitativa, principalmente por se tratar de uma pesquisa que envolve um tema relacionado à compreensão humana dos fatos e o modo como foi realizada envolve além da pesquisa bibliográfica também observações e questionário no local onde ocorre a problemática em questão.

Considerando os objetivos estabelecidos para esta pesquisa, ela se caracteriza como uma pesquisa exploratória, pois esses têm o intuito de tornar o problema mais evidente, por mais que a dicotomia e a fragmentação dos conteúdos seja algo muito conhecido e debatido na geografia, não se fala muito em como isso torna também a visão dos estudantes da educação básica fragmentada em relação ao ambiente que vivem comprometendo assim também a sua noção de pertencimento ao planeta Terra.

Após a explanação do problema da pesquisa e sua constatação com a coleta de dados, foi possível ter mais clareza das possíveis hipóteses para a solução do mesmo assim como abre-se a possibilidade de ampliar os estudos nessa temática fazendo novas reflexões, relações e aproximações entre a aprendizagem geográfica e a ciência Ontopsicológica.

Por apresentar essas características, considerou-se importante realizar uma observação participante para compor a coleta de dados que foram analisados nessa pesquisa. Os dados obtidos através da observação participante são relevantes por ter a capacidade de retratar a realidade a partir da vivência da mesma, no espaço em que se dá o fenômeno pesquisado.

A problemática em análise requer esse tipo de dado, tanto para a compreensão do problema, como para visualização das possíveis soluções. Poder participar da prática de sala de aula torna possível a vivência do problema, ou seja, identificar o modo como os estudantes compreendem a relação homem ambiente e também observar onde estão os pontos chaves que levarão a uma possível solução.

A coleta de dados se deu em três momentos: a) revisão bibliográfica; b) análise da BNCC e c) atividades com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Inicialmente foi feito um estudo bibliográfico para esclarecer os pontos de estudo elencados nos objetivos da pesquisa. No que se refere à ciência geográfica, desenvolveu-se breve estudo sobre a dicotomia na ciência geográfica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após os estudos realizados em bibliografias que se referem ao percurso de construção da ciência geográfica, observou-se que está presente a influência dos movimentos científicos de cada época que fizeram com que essa ciência se dividisse em muitos campos de estudo e, dessa forma, fragmentou-se também a compreensão do espaço geográfico, sendo que a mais significativa e até então irreversível foi a separação do humano da natureza, gerando perdas não somente para a compreensão, mas também para a própria geografia. Considerada uma ciência humana que conta em seu campo de estudo com os aspectos físicos, poderia desse modo apresentar interpretações locais e mundiais completas, caso mantivesse em suas análises a globalidade de interpretações e a naturalidade do homem.

Assim como faz a Ontopsicologia, que traz exatamente esses pontos em sua teoria como mostra por exemplo nos conceitos de homem, natureza e ambiente, no qual o homem é o ente feito no e do planeta Terra, o ambiente é o espaço desse ente e a natureza é o modo como o ente toma suas atitudes considerando esses entendimentos. Sou desse modo e sei, vou agir segundo o que sei e por isso meu lugar será eu também. A relação homem natureza que passa a ser relação homem ambiente, pois a natureza é intrínseca ao humano se torna um fazer diário que flui com tranquilidade e naturalidade, lembrando sempre que, primeiramente, é necessário o pleno conhecimento do Eu para depois conhecer o ambiente.

A geografia apresenta em seus objetivos a formação da identidade do estudante, desse modo, a Pedagogia Ontopsicológica se torna o único modo de fazer essa formação de identidade, pois seu escopo está em promover no estudante uma educação de fazer e saber a si mesmo, sem preestabe-

lecer verdades externas, a única regra desse processo é a vantagem para o crescimento do estudante, considerando que deverá aprender o jogo externo para viver em sociedade, mas na formação da sua identidade o estudante deverá reconhecer nas aprendizagens apenas o que lhe traz evolução enquanto existência.

Na BNCC, por estar embasada na aprendizagem por competências, verifica-se maior preocupação com a formação da identidade do estudante, na aprendizagem de geografia, formação essa pautada pelo entendimento da relação homem natureza que se inicia pela compreensão em relação a espaços mais próximos e deverá ser expandida a espaços maiores. Permitindo ao estudante a construção do entendimento de que as suas ações tanto podem repercutir positiva ou negativamente em sua cidade, como em todo o Planeta.

A divisão pré-existente, em Geografia Física e Geografia Humana está presente também na proposta curricular da BNCC. Mas segundo essa análise é possível e pode-se dizer necessário, realizar uma abordagem desses conteúdos de forma que atenda a compreensão específica de cada assunto e sua relação com os demais, visto que todos eles se referem ao Planeta Terra. Por exemplo: para que os alunos compreendam os tipos de relevo que existem, não se faz necessário apenas apresentar-lhes classificações, seria muito mais interessante conhecer como acontece a relação do tipo de relevo com a economia, a sociedade, a vegetação, a agricultura, dando sempre a prioridade para que o estudante faça a sua análise daquele espaço e que consiga identificar o que daquilo que está sendo estudado, e de que forma esse conhecimento pode lhe promover evolução histórica e existencial.

Na sequência, seguem os relatos feitos pela professora da turma em relação às atividades realizadas com os alunos durante as aulas de geografia, conduzidas pela professora Paula Savegnago Rossato, nas turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental II da escola Dom Érico Ferrari.

4.1 ATIVIDADE 01

Foi solicitado aos estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental que fizessem o registro fotográfico de paisagens e compartilhassem as fotografias no grupo de whatsapp da turma para que em um encontro síncrono cada estudante fizesse a descrição da paisagem fotografada. O que chamou a atenção ao visualizar as fotos é que em nenhuma delas aparecem seres humanos ou obras humanas. Como as fotos foram compartilhadas no grupo de whatsapp da turma, todos puderam ver as fotos de todos e no próximo encontro os alunos foram questionados pela professora, de qual elemento não estava presente em nenhum dos registros fotográficos? Nenhum dos estudantes percebeu a ausência do humano.

Diante disso, fica a pergunta: qual o motivo dessa exclusão? Ao conversar com os alunos, esses colocam que retratar uma paisagem não poderia aparecer a obra humana que destrói a natureza. Com essa constatação, surge um novo questionamento: quanto a aprendizagem em Geografia na escola contribuiu para essa compreensão do humano como quem apenas destrói e, portanto, não faz parte da paisagem?

4.2 ATIVIDADE 02

Em uma gincana envolvendo os estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental em um espaço aberto. Os estudantes foram divididos em 3 equipes. Foi solicitado a cada equipe que escolhesse um nome e um som que fosse da natureza para representar a equipe dizendo o porquê haviam feito tais escolhas. Dado o tempo para realizar a tarefa iniciou-se a apresentação, as três equipes optaram por representar rugidos de animais selvagens sem conseguirem explicar o porquê haviam feito aquela escolha, com a justificativa de que não sabiam imitar outros sons, de outros animais, esquecendo que o som que emitimos enquanto seres humanos também é um som da natureza. A outra atividade que chamou a atenção foi quando solicitados a apresentar à equipe julgadora

o maior número de animais vivos que pudessem encontrar. Nenhuma das equipes contabilizou e apresentou os próprios integrantes como animais vivos, foram apresentados, formigas, borboletas, minhocas, etc.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos a teoria Ontopsicológica no que se refere ao tema Planeta Terra e Homem, enormes contribuições são efetivadas quando compreendemos o que propõe essa ciência, principalmente no fato de primeiramente termos que desenvolver o autoconhecimento sendo esse já como seres terrestres, feitos aqui na Terra e também feitos da Terra, pois nossos elementos químicos são iguais aos do Planeta Terra e também do universo. Dessa forma se nos considerarmos seres naturais e, conhecendo a nossa identidade, as nossas atitudes obedecerão ao critério de natureza e, por consequência, a nossa relação com o ambiente será sempre positiva para todos. Não existe uma forma específica de se relacionar com o ambiente, existe sim o agir de forma útil e funcional. Útil ao eu e funcional ao ambiente.

Para agir desse modo a Pedagogia Ontopsicológica nos diz que o professor deve ser o coadjuvante do processo de aprendizagem e o aluno precisa sempre estar atento ao seu próprio eu e ao seu corpo, sendo esses sempre o ponto de partida de qualquer aprendizagem, pois segundo Meneghetti, 2012, p. 24 aprendizagem significa “me apropriado a partir do íntimo. Disposição a perceber o que é para mim. a) aquisição de modelos operativos; b) com memória de repetição.” Ressaltando ainda mais a importância de primeiramente se conhecer para depois ser possível a aprendizagem, só conseguirei aprender segundo o quanto sei de mim, pois assim poderei saber como tal conhecimento pode se tornar eu, ou seja, ter significado profundo a ponto de acrescentar em minha identidade. A aprendizagem só acontece de fato quando consigo apropriar-me de tal conhecimento a ponto de evoluir o meu eu.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação.** Base Nacional Comum Curricular. Brasília: DF, 2017.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a Ler o Mundo: A Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005 231. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

MENEGHETTI, A. **O Projeto Homem.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica.** 3.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Projeto Terra.** Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

PEREIRA, R. da S. **A Reflexão e a prática no ensino de Geografia.** São Paulo: Blucher, 2012.

SILVA, S. H. P. **Geografia Física e Geografia Humana: uma dicotomia a ser superada?** Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História, 4(4). 2007. Disponível em <https://doi.org/10.18817/ot.v4i4.411>